

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

15 de Janeiro de 1863.

IX.

SUMMARIO.

EGAS MUNIZ, por F. J. Bethencourt da Silva.	pag. 269	THEATRO POR DENTRO E POR FÓRA.	293
VERDADE E SINGELEZA, por Ninguem.	pag. 283	CORRESPONDENCIA, por Miguel Novaes.	pag. 300
ECONOMIA POLITICA, por A. R. de Torres Bandeira.	pag. 289	E' PAIO, por F. Muniz Barreto.	pag. 303
		CHRONICA, por Machado d'Assis.	pag. 305

RIO DE JANEIRO

Typ. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N. 17.

EGAS MUNIZ.

DRAMA HISTÓRICO DO SR. JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

A famosa tradição histórica, da palavra não cumprida, do preito e vassalagem que, de Affonso Henriques, exigira o rei de Aragão e de Castella, promettidos pelo nobre e venerando aio do vencedor de Ourique, é o sympathico assumpto do drama que, á contemplação dos coévos e dos vindouros, apresentou de sua lavra, um dos mais assignalados varões da litteratura portugueza,—o Sr. José da Silva Mendes Leal Junior.

De todas as fórmulas litterarias, depois da epopeia, é o drama historico a mais arriscada empreza a que se propoem os modernos escriptores.

Considerado á luz dos principios philosophicos da arte, e debaixo de um ponto de vista largo e profundo dos acontecimentos nacionaes, o poema dramatico, reúne talvez, em um unico sêr, os dous essenciaes principios da poesia épica e da poesia lyrica.

E' certo que no drama historico a acção dramatica é mais simples do que na epopeia, seja embora não somenos o feito e o nome illustre que se pretendem celebrar, e magistralmente bem traçados o enredo, as paixões, as peripecias, o amor, o odio, os infortunios e tambem os caracteres que com tudo isto tem de arcar.

No drama, sem contar com as prédicas criticas do poeta, que lá vem de costumagem intercaladas de figuras que só visam ao effeito scenico, o interesse fixa-se de ordinario em uma individualidade e não em um povo inteiro. Desenvolvendo-se em mais apertada arena, a acção percorre um menor círculo; expressão intima das suas paixões, as peripecias nascem da vontade dos personagens, sejam embora Fausto ou Frei Luiz de Souza, Othelo ou Ernani; sem que os sentimentos da alma humana tomem proporções de inspiração divina, ou visos do poder fatal do destino. Os paladinos ou protagonistas do drama, como na epopeia, não tomam ares de titãs, nem

os deoses lles vem dar aquella apollinia belleza de que a mythologia revestia os seus heroes.

Os heroes dramaticos, perfeitamente humanos, sem essas phantasticas bellezas do paganismo, embora nobilitados por actos de raro civismo, rasgos de inaudita coragem, de patriotismo, de amor e de virtudes sociaes e religiosas, tem em si mesmo, na sua propria vontade, a liberdade de seus actos.

E' verdade que no drama, como na epopeia, ainda que com mais simpleza, tambem se casam os agentes com a acção, a acção com os acontecimentos, surgindo delles a verdade da fabula, a justeza das feições e as idéas que lhes dão alma, calor e vida, entrelaçando na teia matizada de emoções variadas, de risos e lagrimas, de esperanças e enthusiasmo, de fé e septicismo, o entrecho que se prende e se revolve na unidade do facto que se commemora.

Comparado ao poema lyrico, o drama sobreleva-o com a maior extensão que tem de senhorio, libertado e sem medo das regras de Aristoteles, como os modernos o afigurão, sem unidades de tempo e de lugar, embora sujeitado á indeclinavel lei de todas as obras de arte: — a unidade de acção.

Subordinados aos principios eternos dos séres creados, todos os fructos da imaginação, como expressão da belleza, devem offerecer a imagem de um todo organizado e perfeito, attendendo-se a que uma idéa, um sentimento, uma paixão ou um feito qualquer a que se quer dar contextura e vida, é o centro em torno do qual gravitam naturalmente todas as outras partes que o circumdam, avultando n'um conjuncto centripeto de um interesse real, palpavel, independente e absoluto.

A necessidade de nos elevarmos a uma esphera superior, onde o espirito se deleitasse nas contemplações das harmonias da natureza, impellio a arte a mostrar-nos debaixo de formas sensiveis os encantos da verdade do infinito, visto que da idéa do infinito e do finito nasce a realisação do bello, isto é, a essencia, a substancia intima das cousas, o esplendor da verdade divina.

Espelho resplandecente do poder de Deos, é a arte e a natureza um poema eterno, no qual ha sempre muito que ler de bom para o coração e para a alma.

Aquelle que o contempla sentindo-se maior no ambiente daquella atmospheria pura, sente tambem palpar-lhe dentro em si a consciencia da sua natureza infinita. Nas faculdades de seu sér como que se espalha um prazer ethereo, uma beatitude que nada tem de commum com os gozos da materia, nem com os desejos impuros do

coração. A alma experimenta então alguma cousa extranha ás misérias da existencia terrestre, alguma cousa de divino, do céu, dessa felicidade seraphica, com que a religião tão bem caracteriza a eterna vida, que lembra a suprema omnipotencia do Creador.

O mundo da arte, dil-o-hemos sem venia, é mais verdadeiro do que o da natureza e da historia. Na poesia da arte, a apparencia das imagens é mais perfixa do que a realidade positiva; os symbolos são mais ideaes, mais bellos, mais sublimes e mais duradouros do que essas existencias moveis e fugitivas do mundo real. — O bello ideal é um e unico.

A philosophia do espirito acha na singeleza ou na magestade homérica das obras da arte, o elemento eterno das suas meditações, as pomposas concepções da intelligencia, as paixões do homem e a sua magnitude.

Do que deixamos levemente apontado, se deduz que, o estudo e a analyse das producções da arte devem ser baseadas nas regras da critica, no conhecimento dos principios da belleza, na finura e delicadeza do gosto, no sabor necessario á sua apreciação, pois que pela immaterialidade da alma, pela magnitude das creações do espirito, o mais das vezes, as obras do homem igualam, se não excedem, as obras da natureza !

Desta superioridade do homem, sobre o mundo real, não é somente a gloria de Deos no poder da sua creatura.

Se é exactissimo, como cuidamos, o que ahi fica dito, que muito de industria o dissemos nós, fôra desaccordo e cegueira ousada, como caminheiro incauto, sem os segredos de Dedalo, penetrar no labyrintho da critica, mil vezes mais enredado do que aquelle da celebrada Creta.

Pretender justas de cavalleiro armado, quem, rude peão, mal podêra suster nas mãos, com o grande peso, a arma das contendias, audacia fôra, ou parvuleza, digna de reparo. Nem tão facil é a empreza que caiba a pigmeos o arriscado empenho de ir apontar as manchas e senões, que por ventura escapassem, ou como tal se tome o que para entendidos mais belleza fôra, no monumento que ás civicas glorias das lusas gentes acaba de erigir o Polycléto das letras portuguezas.

Aquelles que pela primeira vez esguardam na olympica magestade do Párthenon os immortaes relevos em que Phidias testava, de envolta com a historia dos sacrificios de Athenas, a grandeza da arte grega, cegos, offuscados, pelo brilho daquella luz divina, não podem comprehender, nem vêr se quer, o sublime ideal que tem absorvido a admiração dos seculos !

Não são cortezanias de lisonja, rendidas ao eminente autor do *Egas Muniz*, estas palavras; fôra injúria que jamais fizemos ao seu valor. — Uma reputação que se elevou do nada pela grandeosidade do seu — eu — ao fastígio do génio, ganhou direitos de sêr exceptuado dos incensos que se queimam ás inúteis vulgaridades do tempo.

Um notavel talento que a desventura affastou da vida moral e dos torneos das letras, fallando do Sr. Mendes Leal Junior, na critica das suas obras, dizia assim:

« O Sr. Mendes Leal é um talento de larga esphera; é um dos nossos primeiros poetas lyricos, é a primeira reputação dramatica da mocidade....

« Dedicando-se a todos os assumptos, escrevendo ao mesmo tempo como romancista, e como escriptor politico, como critico, e como folhetinista ligeiro e ameno, é sobretudo um poeta vigoroso de imaginação, que já no genero lyrico, já no génio dramatico occupa um dos primeiros logares nas letras portuguezas.

« A sua vocação não se fatiga, nem diminue, apesar de sujeita aos tratos de uma laboriosa improvisação. A sua musa decadente e languida ás vezes, parece rejuvenescer mais formosa e gentil, quando as suas faculdades se concentram e se completam pela meditação.

« Quando a turba de detractores officiosos annuncia o distincto poeta *mecanizado* pelos trabalhos do jornalismo, ou distraído pelas scenas de um romance escripto apressadamente, aos capitulos, estampa elle um formoso trecho lyrico, ou vê applaudida no theatro uma obra notavel pela concepção e pelo estylo. »

E' o que mais uma vez acaba de succeder com a apresentação do seu excellente drama *Egas Muniz*.

Logo ás primeiras scenas, na correção typica do traço, no vestir de galas limpas e sãs, na hypotyposis dos acontecimentos, na hombridade dos personagens, — inexgotaveis dotes do seu prodigioso talento, se realça a robusta individualidade das suas faculdades productivas, do seu apurado modo de sentir e vêr as cousas.

Explendente de formosura e graças, ha em todo o drama um perfume de singeleza patriarchal daquellas épocas de puro amor da patria, de fé no rei e em Deos, que não se encontra já senão nos carunchosos capitulos de algumas velhas chronicas d'esses tempos da athletica infancia de Portugal.

Cinzelados com mão de mestre ha alli, em todos os caracteres que movem a acção do drama, e em cada um de per si, o artistico mo-

delado das feições, da postura e gesto; a vida e o pensar daquellas gentes e eras cavalleirosas.

Ha na propriedade do panejamento, no desenho, no vigor do colorido, na luz e sombras do *claro-escuro* daquelles acrisolados typos da geração que foi, — mummies galvanizadas, estatuas animadas ao sopro vivificador do audaz Pygmalão; — a expressão indelevel das suas physionomias moraes, o vulto historico, assombroso, deslumbrante, as attitudes guerreiras e denodadas, o corpo e a alma de Egas Muniz, de D. Affonso Henriques, — e de todos os outros entes que os circumdam e accompanham, e tudo isto pintado com as vivas cores e brilho daquella rara belleza e cyclopica virilidade que immortalisaram o artista do *Moyses*, no seu quadro do *Juizo Final*.

Grande e maravilhoso é o poder do talento a remontar-se, pelas faculdades do espirito, ás regiões nebulosas do passado, para descer depois á umbrosa morada dos sepulchros, e levantar de cima do coração já frio dos heroes da patria, ou da humanidade, o sudario de pó que os amortalha, despertando-os, como o Christo a Lazaro, para contemplar-lhes as feições, os sentimentos, as paixões, as idéas, os segredos, todo o sentir emfim daquellas organizações seculares; e revelar depois tudo isto, como se tivesse vivido com elles, partilhado dos seus risos e das suas lagrimas, das suas aventuras e batalhas, das suas festas e sarãos, resuscitando no seu viver real todos aquelles seres indestructiveis que o tempo escondeo no tumulto, para não encher de vergonha a imbelle e degenerada prole que havia de succeder-lhes!

— Em tão extremado labor e temerario empenho, sahio vencedor o fecundo Lysippo deste novo Apollo.

A phisionomia herculea daquelles ricos-homens, os solarengos da idade média, as virtudes patrioticas dos velhos povoadores da lusa iberia, aquelle cuidar dos seus que glorificou, pelo velho e novo mundo, um punhado de homens que vão até os confins do oriente plantar o estandarte da cruz e da civilização, dilatando assim o reino que tão limitado houveram de seus avós, sobresahe alli, conio esmalte em ouro de fino toque, de um modo novo, mas grandiloco e esplendido.

E tudo isto que surprende e encanta, que arrasta e fascina, que desperta e justifica as ambições do lacedemonio Preugeses, roubando a estatua de Diana Linnacia, é escripto com uma propriedade indizível, n'uma linguagem casta e succulenta, onde lhe estão pollulando lusitanismos em vocabulos e phrases castigadas, sem affectação nem fanfarrices ridiculas e pedantescas, antigualhas escavadas em per-

gaminhos fosseis que o povo e nós, por estranhas e desusadas, não entendemos.

À archeologia das linguas tem seus limites; a immutabilidade é impossivel n'uma sociedade que não adormeceu, que caminha sempre no rumo do progresso, como consequencia das substancias da arte e da civilisação.

« A religião do sepulchro, diz o Sr. Rebello da Silva, deve sêr tão sagrada para a arte como para a historia, porém nos labores da imaginação a verdade está em reproduzir as idéas, em desenhar as phisionomias e em dar o devido relevo aos costumes, e não em suar na fadiga ingrata de uma crassa Minerva para dissolver a tinta dos velhos pergaminhos em arengas insipidas ou estudadamente falsas.

« O verdadeiro espirito dos seculos escapa sempre á rêde de apanhar vocabulos dos copistas servis... A historia está nas cousas e não nas palavras. »

O Sr. Mendes Leal é uma organização privilegiada á qual a Providencia confiou, com o destino da musa dramatica de Portugal, o glorioso afan de secundar, em proveito das letras e da patria, a trilha aberta pelo immortal Gil Vicente, cujo solar mais ennobrecido ainda pelo dominio de Almeida Garrett, é hoje a herança e premio que lhe sobredoiira as fructuosas fadigas de seu genio.

Egas Muniz, do modo porque está escripto, é uma evocação épica desse passado titanico de Portugal, que parecia querer escalar o céu na ancia de conquistas que satisfizessem a sua ambição; — é a recordação saudosa, viva, de um reinado opulento, de uma aurora côr de rosa em que o céu e o futuro sorriam prenes de esperanças, annunciando um dia perenne e eterno.

O sol decorreu rapido o largo campo que levava do apogéo ao occaso; e por muito tempo, no lethargico entorpecimento da nação, só n'um livro sublime se perpetuava e se via a imponente historia que jámais envergonhara gregos e romanos.

Com o ultimo fronteiro de Arzilla, morreu a geração que assombrára o mundo! Era immenso o seu cadaver; para enterral-o, D. Sebastião, com a flôr da mocidade nas areias de Alcacer-Quibir, abriu uma sepultura que absorveu a patria!

Era a suprema lei da humanidade. A tribu de Israel, que descaçava das lutas do combate construindo as torres derrocadas pelos inimigos da liberdade, não podia ser eterna.

A terra cançou de produzir Achilles! Os vencedores de Dio, de Ceuta, de Malaca, de Ormuz e de Cambaia; o Mestre de Aviz, Duarte Pacheco, e D. Affonso V, já tinham descido á eterna primavera da

Elysia Leuce, quando essa raça enfezada e decadente, que só nascêra, como o elo que devia unir aquella gente batalhadora e forte com a hodierna dos lutadores da poesia e da arte, enervada no gosto da cobiça e na rudeza de um lazer estúpido, assassinou a patria.

Lembrar as acções egregias deste povo, do qual temos o orgulho de descender, que foi o arauto da civilisação, — folhear o livro dos seus feitos e ler uma das suas inimitaveis paginas, é praticar como Solon, que, vendo o seu paiz abatido, decadente, flagellado pela discordia, appellando para as cecropicas tradições dos canticos de Homero, — pedia aos gregos de então aquelle patrio-amor dos invenciveis soldados de Agamemnon.

O Sr. Mendes Leal entendeu isto como ninguem; e, abrindo as chronicas dos seus quadros historicos, mostra aos portuguezes de hoje o que foram os seus antepassados.

No seu drama, a idéa capital é lançada com aquella valentia e resplandecente arrojo intellectual que são a pedra de toque das organizações superiores.

Como estudo de historia philosophica, de atticismo patriotico, ha nelle muito que admirar, — para poetas e prosadores, ha muito que colher de bom; — a expressão é cuidada e cheia de elegancia; o estyllo altiloquo, pomposo, vehemente e facundo, realça de momento a momento os raros dotes da sua poetica imaginação; e a finura e naturalidade do dialogo, os legitimos esplendores do seu artistico talento.

Egas Muniz é um conjuncto nobre de virtudes civicas, effluvios da religião affectuosa da familia no lar domestico, e dos deveres do cidadão pelo rei e pelo povo.

As aspirações intimas das harmonias do coração que engrandecem o homem no dominio legal da castidade e da honra, foram os alentos vivificantes deste hymno glorificador da arte e da poesia.

Do principio ao fim, os caracteres sustentam-se sempre na mesma altura e igualdade. Na volupia, — a paixão foi sobria; e nenhuma mulher, arrancando as flores da virgindade ou da pudicicia, foi rojar-se no lamaçal de uma abjecção nojenta de lascivia tórpe e infame.

Sem santificar os erros da mulher, nem sacrificar nas aras da Venus impudica, soube ennobrecer aquella sem deshonnar o homem.

As vestes da virtude não foram reboçadas no lodo bachanal das perdidias de Babylonia, nem as Magdalenas foram divinizadas e trazidas em ovação, ao lado de um esposo, até ao seio das fami-

lias honestas, no dia em que a sociedade dissoluta lhes deixou olhar para o mundo que aló vituperavam tûmidas pelas suas proprias faltas.

No drama do Sr. Mendes Leal, a sociedade não foi constituida em bode expiatorio dos desvarios da mocidade licenciosa, ou dos gosos e desejos da luxuria e concupiscencia. Nos proprios arronbos do amor, no enthusiasmo da paixão, a virtude sobrelevou-se ao fogo da materialidade. Logo ás primeiras palavras do poetico encontro de D. Violante com Egas o trovador, o Sr. Mendes Leal eleva a um lugar eminente a virtude da mulher, mais tarde ainda enriquecida com a dedicação da esposa de Egas Muniz, e da propria D. Violante.

O que ha de mais suave e candido entre dous amantes, nos colloquios de um amor vehemente e casto, está descripto neste trecho:

EGAS O TROVADOR.

Sempre á frente combati
Desde a Syria até á Thracia...
Diziam lá que era audacia;
Não era : pensava em ti !
Que mais posso hoje dizer-te ?
No combate e na victoria
Procurava a morte ou gloria
Para honrar-te e merecer-te.
Bemdicto sejaes, meu Deos !
Revejo tudo qual era :
Sorri-nos a primavera
Na terra, n'alma e nos céos !

D. VIOLANTE.

Promessas não te designo
Das que a illusão persuade...
Não !... Disfarçar-te a verdade
De nós ambos fôra indigno !
— Deixemos lamentos vãos
Aos espiritos vulgares,
Longe ou perto, onde te achiars,
Egas, seremos irmãos ;
— O dever paixões sublima
Nos sacrificios supremos :
Se hoje o mutuo amor perdemos,
Que nos fique a mutua estima.

A poesia e o amor, para certas almas predestinadas pelo céo, é uma flôr colorida e assetinada, de angelical perfume, que suavisa e embalsama a vida. No brilho das suas côres está o viço e a frescura do coração embevecido nas delicias da felicidade ; no perfume está a crença e o culto da virtude, que suavisa as dôres no infortunio. Se o tufão da desgraça lhe soprou violento, o flavo bastil vergando-se para a terra, não resiste e pende, até que os aljofares da bonança lhe orvalhem as petalas emmurchecidas.

Deste modo parece também tel-os entendido e representado o Snr. Mendes Leal, nos nobres sentimentos do trovador e da sua dama.

A lealdade de todos os vassallos para o seu rei, a homenagem sem lisonja, o respeito sem baixeza, a dignidade sem orgulho, o orgulho sem vaidade, estão allí retratados com verdade e singeleza em todas as fallas dos ricos homens e cavalleiros, quando Affonso Henriques, reunindo a sua fidalguia na curia real, e expondo-lhe as exigencias do rei de Aragão, lhes perguntava o que fizesse.

E' notavel a falla de

GONÇALO (O LIDADOR).

Fallarei eu, senhor. — Preitezia e vassallagem destas terras a quem fóra dellas nasceu! Porque? Palmo a palmo as ganharam nossos pais. Em sangue nosso foi amassado o cimento das torres, erguidas nos visos dessas fragas. Dos ossos dos nossos estão cheias as vallas abertas na profundeza desses brejos. Dia a dia disputamos ao mouro cada villar, cada penha, cada alfoz, cada lanço de muro, cada beira de regato. Granjas e casaes com os homens da nossa criação os povoáinos. Nossas honras e herdamientos foram lavrados a ferro em continuo batalhar. Olhamos em torno, e o berço em que nos acalentaram tem os signaes das mãos dos nossos, e o cruzeiro em que ajoelhamos dá sombra á sepultura dos nossos. Tudo isto, que é patrimonio e legado... tudo isto que andamos defendendo e vamos dilatando... tudo isto hemos de render ao leonez, que nos salteia e assola... tudo isto hemos de entregar a quem por extranho nos não pôde ter amor!... Para que? Para que um dia... quando lhe praza... o reparta pelos seus lisongeiros, pelas suas mimosas, pelos seus favorecidos! Não fóra homenagem, fóra impiedade! Não verei eu tal, ainda que todos o consintam, ainda que fique desamparado. Das muralhas do meu solar desafiarei eu só quem vier, e quando ellas desabarem, as suas ruinas me serão tumulo... não infamado. Livres nos fizemos. Jurei morrer livre.

Egas Muniz, expondo as razões em que se estriba para que Portugal não renda vassallagem ao rei d' Hespanha, sem se esquecer dos seus juramentos nem adherir aos argumentos dos outros cavalleiros, levado pelo santo amor da patria diz:

..... A razão é — que não podeis dispor desta terra contra a vontade dos que a sustentam e amparam, porque não é cousa vossa, mas de todos... a razão é — que fóra vergonha e iniquo pôr aos pés de estranhos o que os avós nos adquiriram... a razão emfim é — que não jurastes, nem me autorisastes vós, senhor... nem estes... nem ninguem... eu só. Eu só por tanto sou o empenhado... eu só respondo pelo penhor.

INFANTE.

Quereis então expor-vos á infamia?

EGAS MUNIZ.

E se quizer? — Da minha hora disponho, como da minha vida!

INFANTE.

Assim aconselhais-me...

EGAS MUNIZ.

Como todos.

INFANTE.

Que sou eu em Portugal? — A todos mostrarei que não ha aqui vontade acima da minha.

EGAS MUNIZ.

Ha: outra maior — a que obriga príncipes e vassallos — o interesse e a gloria da nossa terra!

Heis de cumprir o vossò dever de príncipe: entre todos este é o primeiro, o essencial. Se Deos vos fez nascer tão alto, foi para olhardes mais longe. O cargo de reger estados não se póde medir por condições vulgares.

O que ha ahi de mais elevado e nacional, de mais pasmoso e inclyto?

Egas Muniz é o typo da honra e da lealdade.—Portuguez antes de tudo, tudo sacrifica á patria. Resignado e paciente, sentindo mais pelos seus do que por si, o captiveiro ou a morte, caminha impavido, resolutivo e generoso, á côrte e presença do juiz, já preso pelas suas proprias mãos ao baraço dos condemnados! Salvador da liberdade dos seus conterraneos e do Estado, vencido pelo dever da palavra não cumprida, o seu coração não treme; a consciencia está tranquillada. Era de bronze aquelle homem: a procella das desditas não o assusta, debalde, em vão, se lhe procurára um temor ou pallidez nas faces! Vendo a esposa e os filhos herdeiros do seu infortunio, como o haviam sido dos seus dias de ventura, a alma estalla-lhe de angustia, a luz desvaira-se-lhe dos olhos, mas dos seus labios nem um gemido se desprende! Não amaldiçoa o céu como Ajax; sujeita-se ao dever da honra, como a victima ás exigencias do sacrificio!

D. Theresa é digna esposa de tão venerando cidadão. Ao saber da sua partida para Castella, em pagamento da preitezia recusada pelos Lusitanos, o seu amor de esposa, a heroica virtude de mulher, que nunca faltou, rebentam-lhe dos labios em vozes de ternura e extremoso affecto:

EGAS MUNIZ.

Que dizes? Que fazes?

D. THEREZA.

O meu dever.... como cumpres o teu! A esposa e os filhos de Egas Muniz, aprenderam no seu exemplo. Não nos unimos os dois na mesma fé? Não sentimos ambos por uma só alma? Que temos na terra que não seja commum? Meus foram sempre os teus jubilos. Minhas não de ser as tuas penas. Aonde fores iremos; o que passares passaremos. Casamos com as mãos o coração.... Não ha poder que nos separe.... não ha lance que nos descase.

EGAS MUNIZ.

Pois não presentes que é a morte?...

D. THEREZA.

Não prometti eu viver e morrer contigo? Quem póde tirar tal direito á esposa que nunca faltou? Se a palavra empenhada te obriga, obriga-me este voto sagrado! Juraste na tenda de um rei; eu jurei no altar de Deos. Ousa desmentir em mim o meo que em ti respeitas! Que dirás para me tolher que te imite? Que dirás para me negar que te siga?

E' a varonil abnegação da alma feminina, symbolisada na Romana Loba, mais tarde repetida sob diversa fórma, por Phelippa de Villhena e Anna Brites.

Na presença do rei e da curia de Aragão, o vulto de Egas Muniz cresce de proporções e de belleza. A corda que lhe pende do pescoço, o seu dizer sentido, nobre e grave, arrastam e infundem respeito estranho ao rei, que pasma de quanto vê e ouve.

O REI.

Que vejo? Egas Muniz! E' desta sorte!...
Faz isto um cavalleiro, Deos potente?

EGAS MUNIZ.

Um cavalleiro não, um penitente,
Um captivo, senhor... que espera a morte!

O REI.

Um perjuro! um falsario.

EGAS MUNIZ.

Em que?

O REI.

Por Christo

Varreste da memoria
A palavra, o penhor, a fé notoria!

(Aos circumstantes.)

Senhores, ouvis isto!

(A Egas.)

Onde fica a fiança promettida?

EGAS MUNIZ.

Pagal-a venho: trago-vos a vida!

O REI.

Frustrar cuidais os foros ao dominio!
Desenrolando aos ares
O meu pendão de guerra,
Irei cu mesmo impôr aos vossos lares
O supplicio da infamia e do exterminio!

EGAS MUNIZ.

A mim ó Rei — mas não á minha terra!

O REI.

Erguei-vos. Na postura é na humildade
Não resgataes a culpa.

EGAS MUNIZ.

A culpa é grande
Mas o resgate igual.

O REI.

Pensaes que abrande
As justas iras com maior piedade?
— Resgate igual não é. Não é repito.
Que trazeis? Um cadaver condemnado...
Que jurastes? O preito de um estado!

EGAS MUNIZ.

Essa culpa, senhor, esse delicto,
 A palavra que houveste por segura,
 Era á patria affrontosa :
 Por vós — por ella — amargo a incanta jura
 Da bocca mal cuidosa !
 Penhor vos fui, a divida confesso ;
 E aqui trago, holocausto voluntario
 E aqui vos offereço
 O réo... envolto já no seu sudario !

O REI (*desdenhosamente*).

Uma vida em tal caso !...

D. THEREZA.

Pouco fôra
 Por isso aqui nos vêdes a seu lado !
 Tendes mais sob a espada vingadora
 A culpada familia do culpado.
 Seu sangue, seu amor com elle expia
 A falta dessa iniqua vassallagem.
 Saiba a Hespanha que inteira uma linhagem
 Unida a morte encara,
 Por não faltar um dia
 Quem á fé, quem a si jamais faltára.

EGAS MUNIZ.

Partido o coração, mas resoluta,
 Entre as cinzas deixei co'a despedida
 No deserto meu lar o eterno luto !...
 Mais trago que este corpo e que esta vida,
 A minha alma vos trago — o melhor della —
 Toda, Senhor, por estes repartida.
 Fartai, fartai as coleras potentes
 No que mais me estremece e me disvella...
 Na esposa amada e filhos innocentes !
 Assim vos pagareis desta fiança
 E o resgate será maior do que ella !
 Isto é meu : — isto em vossas mãos entrego ;
 A patria, que fez livre a sua herança,
 A patria não, Senhor...
 Fôra vendel-a temerario e cego,
 Fôra ser-lhe trahidor,
 Mais que trahidor, sacrilego ! .. sou vosso,
 Vossos são estes. Dou com a prole escrava,
 Quanto fui .. quanto amei... quanto esperava...
 Não tenho mais que dar... dou quanto posso !

Estas scenas são preciosas e inimitaveis ; que relevo, que animação, que natural, que analyse da physionomia moral do incorruptivel cidadão na variedade dos sentires por que passava : belleza ideal da unidade da arte partem della toda a poesia e brilho.

A musa dramatica do Sr. Mendes Leal nunca se occupou de mais alto assumpto. E' um estudo profundo da epocha, um capitulo, um canto da iliada desses velhos feitos das cavallarias guerreiras de Portugal, inspirado no sentimento da nacionalidade, e hoje atirado

ao mundo, coberto de fôrmas graciosas, suavissimas, immensas e originaes, — como um desafio solemne ao orgulho historico de todas as nações.

A simplicidade da acção é igualada á grandeza do assumpto.

A alma e a razão do poeta arderam no amor da devoção do ninho seu paterno, consubstanciando todo o alento da inspiração na grande empreza da arte.

Ha a cada passo versos tão perfectos, tão cheios de galhardia e coragem, tão cheios de melancolia e tristeza, tão doces e ao mesmo tempo energicos e pomposos, que parecem mais poesias soltas, de curto folego, odes e canções, estudadas em modelo, refundidas, retocadas e aperfeiçoadas no remanso do gabinete do poeta enamorado, do que gritos estridentes daquelles bardos da Caledonia evocando as sombras dos que foram, como, sem afrouxar o estro e o interesse da narrativa, soube fazer o Snr. Mendes Leal.

No quinto acto, como em todos os outros, ha scenas intimas e arrebatadoras. Não assombra menos o encontro de Egas Muniz com Egas o trovador, quando este, levado pelas fallas de D. Violante, se propunha a fugir dos carceres de Tolentum. Que soberana dignidade nestas palavras :

EGAS MUNIZ,

Toma da mão essa espada,
E vara-me o peito aqui

Passai depois, eis-me absorto,
Passareis comigo morto,
Mas não comigo traidor!
— Por mãos de insanas paixões
Lançaveis, entre ciladas,
Sobre estas cans deshonradas
O opprobrio das gerações!
Gente fraca e desleal!

— Vendo fraudes tão estranhas,
Que dirão as Hespanhas?
Que diria Portugal?

— Quem vos mandou aqui vir
Com orgulho temerario,
Se aos passos do meu calvario
Me não podieis seguir?
Que pretendieis, dizei,
Nos vossos loucos assomos?
Fugir? — fugir! nós que somos
O pagamento de um rei!

Já antes, no colloquio entre Egas Muniz e Affonso de Leão, se mostrára illibada aquella inabalavel e rarissima virtude, quando, para experimental-o ou seduzil-o, o tentava Elrei, aconselhando-o, com o offerecimento dos seus dons e graças, a que induzisse Affonso Henriques a prestar-lhe vassallagem.

Recusou por este modo :

EGAS MUNIZ.

tudo o que tenho me deu Deos na patria: tudo o que tenho pertence á patria. Desenganai-vos, senhor; eu, por velho não cedo a tentações... e Portugal, por novo, não empenha o seu futuro.

O final do drama é como o brilhante engastado no apex da corôa, illuminando-a dos brilhos do seu esplendor.

O sol no ocaso do seu labor infinito tambem manda á terra um raio vivo e formoso, que espalha pelo espaço, já escurecido de trevas, um resto daquella luz ardente e divinal com que dourára a terra das alturas do seu zenith.

São bellos estes versos com que termina o drama :

EL-REI.

Eu dou-me por satisfeito,
Vós ficais desobrigado!...
Mais — Affonso aqui vos diz :
Padrão de gloria e nobreza
A honra de Egas Muniz!

EGAS MUNIZ (*inclinando-se*).

Não, Senhor — a Portugueza.

O plaustro de triumpho que devia conduzir ao capitolio da immortalidade o illustre autor do *Pagem de Aljubarrota*, dos *Homens de marmore*, da *Herança do Chancellor* e de tantas outras concepções distinctas pelo pensamento e labor, necessitava de mais uma joia de subido preço, que completasse os gentis primores da sua fulgente e popularissima riqueza; essa joia foi o *Egas Muniz*.

A immortalidade do Sr. Mendes Leal, começa ainda no reinado activo da sua intelligencia. O futuro não fará mais do que consolidar-a, — livre das paixões mesquinhas da vulgaridade —, imprimindo-lhe aquella respeitosa aureola de veneração e culto, de que se revestem sempre, pela luz da morte, as athleticas glorias de todas as nacionalidades.

Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1862.

F. J. BETHENCOURT DA SILVA.



VERDADE E SINGELEZA

(PAGINAS DE UM LIVRO.)

Disse Jehovah a Abraham : — Sae de tua patria, e deixa a tua familia.

GEN. . Cap. XII, vr. 1.

I.

Um dia, ao alvorecer de uma manhã de primavera, era eu homemzinho, e atravessei as devesas da minha aldeia, para subir ao tombadilho de um navio, que seguia viagem para as bandas do Brazil. Minha mãe e minhas irmãs vieram acompanhar-me até á aba de um outeirinho, por onde ia em corcovos a estrada chamada real.

Ha que tempos isto vae! Ahi, no transe da despedida, prenderam-me nos braços, apertaram-me ao peito, e choravam como eu chorava, soffriam com eu soffria; mas era forçoso desatar-me daquellas santas e suavissimas prisões, para ir correr mundo. Foi por isso que os braços cahiram como mortos, ao longo do corpo, e eu, cego pelas lagrimas, caminhei titubeante como um ebrio por baixo dos ramos, reluzentes de orvalho, que debruavam a estrada. Eram os ramos das arvores minhas amigas, que me conheciam desde o berço. Ao chegar ao viso do outeiro, onde se erguia uma cruz de cedro, que as raparigas do lugar coroavam todos os domingos com rosas frescas que será feito dessa cruz? parei, e olhei para traz. Minha mãe correu para mim e encostou-me a cabeça ao seio; minhas irmãs desencavinharam as mãos de sobre o peito, e vieram tremendo misturar os seus gemidos com os gemidos do irmão, que ia dizer-lhe adeus... talvez para sempre!

Para sempre...

Com a derradeira benção e o derradeiro beijo, disse-me minha pobre mãe estas palavras: « Vae, filho, seja a esperança a tua constante companheira no lidar do dia; seja a saudade a tua boa amiga no repousar da noite.... »

E minha irmã mais moça subio o sobpé da cruz, arrancou de um

dos braços do symbolo da religião do Christo, uma perpetua roxa, que no ultimo dia santificado, ali pozera em vez de cravo, e met-teu-m'a no seio....

E eu desci a estrada, e ao dobrar a primeira sinuosidade do outeiro, olhei ainda, e vi aos pés da cruz minha mãe, apoiada no hombro de uma filha, e minha irmã mais moça sacudindo freneticamente um lenço branco, branco como a ultima camada de neve que cobria no inverno as folhas dos pecegueiros e das lorangeiras do nosso pomar, e o calix das flôres que ella cuidava com tanto mimo e tanto amor. A semelhante vista, o coração confracio-se no peito, e uma nuvem negra empanou-me os olhos.

E desci! e pouco depois pousava um olhar brillante de lagrimas sobre a casa onde ficavam a minha familia, o meu berço e a minha infancia; e ao perder de vista a minha aldeia, disse um adeus triste á minha terra, como pouco mais tarde, de sobre o tombadilho do navio, que approava para as bandas do Brazil, ao perder de vista a minha terra, disse um triste adeus á minha patria!

II.

Tinha-me um livro ensinado que os homens eram maus, que escarneciam das lagrimas das creanças, que não davam conforto aos desgraçados; foi por isso que me escondi logo depois que embarquei, para chorar sósinho a orphandade a que espontaneamente me votára. Mas o navio estava sereno sobre as aguas, e eu ouvira dizer na minha aldeia que o mar faz sacudir os navios, como em terra o vento faz dobrar os cannaviaes e as searas do trigo. Subi, pois, para ver até ao fim terra da minha patria. Conheci então que o livro me havia enganado, porque os marinheiros, suspendendo a amarra no bolinete, cantavam em toada lugubre, cantigas tristes, que fallavam muito em patria, em amor e em saudade. Quem canta assim, não pôde estar alegre, quando vae mar em fóra, para longe dos seus. O que pôde ser, é que aquelles homens, tão musculosos e tão tostados, já não tivessem lagrimas para chorar uma despedida, e isso havia de custar-lhes muito, porque as lagrimas tambem são allivio. Dizia minha mãe, que a dôr é sempre mais suave, quando sobem a consolal-a as lagrimas do coração....

No dia seguinte já se não via terra, e todavia parecia-me estar mais perto della, sentando-me bem á grinalda da pôpa. Era, pois, ali que eu ia sósinho com minhas lagrimas despedir-me sempre de minha mãe, que eu via sentada na peanha da cruz de cedro.

Ao quinto dia de viagem, o capitão, homem de cincoenta annos e

physionomia franca e sympathica, correu-me a mão pela cabeça, e perguntou-me com um sorriso de pae :

— O menino, ainda está muito triste?

— Ainda, sim, senhor.

— Pois não tem sido tão linda a viagem? Não tem visto o céu azul, mal annuviado de nuvens brancas, e o vento de feição arredondar as velas?

— Pois ha viagens que não sejam assim? perguntei eu ingenuamente. O capitão sorriu-se, e respondeu:

— Se ha, menino! Que Deos nos livre dellas. Mas, porque é que vac tão triste?

— Se eu não sei o que vac ser de mim lá nessas terras longe, onde não tenho minha mãe, nem ninguem que seja meu amigo!

— Então, o menino é muito amigo de sua mãe?

— Pois não hei de ser, senhor! respondi eu lacrimando.

O capitão deu dous passos para a amurada de sotavento, e limpou ás costas da mão uma lagrima que lhe viera brincar nas pestanas.

O livro que disse que os homeus erão maus e que escarneciam das creanças e dos desgraçados, é muito cruel.

III.

Um dia começou o céu a fazer-se muito escuro, e os marinheiros a olbarem temerosos uns para os outros.

O capitão poz a gente a postos para as manobras, e mal tirava os olhos das nuvens negras que vinham encastellar-se na prôa, para os pôr em exame, desde a ponta até a raiz dos mastros. Depois mandou reforçar o leme com dous homens, e esperou. Principiou então a sentir-se uma aragem muito fresca, que fazia em espuma a superficie das aguas, e que atirava fortemente o navio em balanços descontraídos. Parecia que navegavamos para uma noite fechada, tão negras eram as nuvens da prôa. As velas, batendo umas depois de outras, de encontro aos mastros, similavam-me o desabar de um pinheiro, estalando na sua quêda os ramos seccos e verdes de outras arvores.

Para que tantas prevenções, tanto esforçar em preparativos, se era Deos que mandava descer as nuvens, e ennegrecer o horisonte? Não valeria mais a humildade e a supplica do que aquelle preparar para a lueta?

Na minha terra, quando a crista do arvoredado das montanhas se escondia em fumo denso, e os rebanhos tímidos seguiam adiante dos pegureiros o caminho do curral; quando os montes e os

valles eram carregados e tristes, e a gente do trabalho abandonava os campos para se abrigar no casal; quando, enfim, soprava como agora um vento subtil e ligeiro, trazendo gottas grossas de chuva, que desnudavam o seio das flôres, minha mãe, fechadas todas as portas e todas as janellas, acendia duas velas no oratorio da varanda, que deitava sobre o maior pecegueiro do pomar, e ahi de joelhos diante de muitos santos, resavamos todos com muita fé, e com muita esperança.—Era assim, que minha mãe nos ensinava a esperar a tormenta.—E quando a natureza sorria de novo, alegre e festiva, e as aves recommçavam o hymno que o Creador lhes ensinou, iamos ainda de joelhos, em frente do oratorio, dar graças a Deos por termos vencido a tempestade.

Mas aqui não é assim: os marinheiros nem rezam, nem se occultam.— Parecem suspensos dos labios e dos olhos do capitão, e dir-se-ia que mais esperavam aviso para a salvação do corpo, do que conselhos para a encommendação da alma!

IV.

Como nos desertos o leão terrivel, mas generoso, passa sem estrangular a rez impotente, inerm e sobresaltada, que lhe passou na frente, assim a tormenta passou rapida e medonha rugindo sobre nossas cabeças.— Com a bonança desfizeram-se as nuvens que topetavam com os mastros, e quando no azul do firmamento desenhava suas gratas côres o iris da boa vinda, já a alegria irradiava na physionomia rude, mas franca, dos marinheiros, que se apertavam as mãos convulsa e freneticamente. — Seguiram-se depois cantigas e folguedos.— O perigo passára, e as esperanças reviviam.

O homem é assim!

A viagem continuou, ora com vento de feição que enfunava as velas, e descansava os marinheiros, ora com calmaria pôdre, a deixar estender o panno ao longo dos mastros, e a trazer a impaciencia, senão o desanimo. Depois de muito andar sobre aguas do mar, disse-me um dia o capitão:

— Se não escassear o vento, chegaremos amanhã ao termo da nossa viagem. —

Eu sorri-me contente, e em seguida senti queimarem-me as faces duas lagrimas ardentes. Se tal nova me forrava a perigos, tambem o fim da viagem ia pôr de permeio entre mim e a minha aldeia, a vasta immensidade do Oceano.

Effectivamente não escasseara o vento; e ao amanhecer do dia seguinte, quando o sol lentamente se erguia franjado de ouro, e se

reflectia esplendido na superficie do mar, e a estrella d'alva esmorecia, vencida pela luz viva do astro-rei, o gageiro de prôa bradou alvoroçado — terra! — Terra, repetiu o capitão ; os marinheiros e todos nós repetimos—terra— !

Passadas tres horas, as aves aquaticas voavam em volta do navio, como quem vinha ratificar o brado do gageiro ; e pouco depois, a amarra corria velozmente, e a ancora cahindo a prumo, ferrava o dente ño fundo do mar.

E eu vi-me no meio de uma grande bahia, cercado de muitos navios, dos quaes a mastreação me parecia um enorme pinheiral ; e em face de uma grande cidade, onde havia muita gente, mas onde eu não tinha um amigo.

E lembrei-me, então, da minha aldeia, e de tudo o que lá deixára, e chorei....

— Que seja muito feliz, menino, e sempre muito amigo da sua terra e dos seus, disse-me com modo triste o capitão, quando eu descia a escada do portaló, para saltar n'um bote que me ia deixar ficar em terra..... estrangeira.

V.

Cincoenta dias, depois, em uma fechada floresta, mal cortada de picadas tortuosas, descansava eu o corpo fatigado, no tronco de uma arvore colossal, que se despregára de uma encosta, onde durante seculos vencêra os arremessos dos furacões, e onde vira desabar muitas de suas irmãs, fulminadas pelo raio, ou sacudidas pela tempestade.—Ao primogenito da floresta chegára-lhe tambem a hora do anniquilamento.— Os seculos sugaram-lhe a seiva, e amarellecêra ; as torrentes caudaes das chuvas desnudaram-lhe as raizes, e tombára.

Que importa que o rei da floresta levasse comsigo na queda, os troncos vigorosos e possantes de outras arvores, se elle ahí está estendido n'uma tumba de relva e de folhas, como o cadaver de um grande gigante, esperando a putrefacção, a maior, a mais fatal prova de vida ?

Que profunda tristeza não incute na alma o silencio pesado do seio de uma floresta mal allumiada pela luz frouxa do sol, do sol coado pelas fendas estreitas da abobada tecida de ramos e de folhas !

Que spasma é esse que nos acommette, quando nesse lugar, recolhido, como que por encanto o espirito em intimas confidencias, os olhos se não descravam do tronco annoso ou do arbusto enfesado,

do reluzir de uma gotta de orvalho, ou do lençol de espuma de uma cachoeira ; nem os labios se desserram para balbuciar uma palavra, recordar uma saudade, invocar uma esperança ?

Donde vem esse extasis que vella e anniquilla o passado, deslembra e obscurece o futuro, para o presente ser todo de concentração, todo de respeito, todo de Deos ? Será a consciencia do homem a abater-se, a humilhar-se diante da obra do Creador, mas da obra que não pensa, que não chora, que não blasphema ?

Quem o sabe ?

VI.

As horas passadas na floresta, correram rapidas. Parecera-me que sonhara, e comtudo não havia adormecido. As primeiras sombras da noite ennegreceram a selva, e tive medo. — O zunir do insecto, o rumorejar da folhagem, o canto da araponga, faziam-me tremer, e subi a picada que me levou ao cume do morro, donde se desdobrava á vista um panorama variegado e esplendido. Nas furnas das florestas, áquella hora, o pôr do sol é já escuridão e susto. Cá fóra, ia elle entardecendo, e mal lourejando o arvoredado detraz do qual se mergulhava no mar.

Como era magnifica aquella natureza, criada por Deos em hora amiga, e ignorada do homem por tantos seculos ! Oh ! quem me soubera descrever-lhe aquella magestade visivel sempre virente e sempre nova, com amor, mas com o amor com que a ama o sol — com raios de luz !...

Ao fechar da noite, agasalhado sob tecto amigo, eu escrevia estas palavras:

« Déem-me as arvores amigas das devezas da minha aldeia, e fique para os grandes ambiciosos a potente natureza do novo mundo. »

NINGUEM.



ECONOMIA POLITICA.

A liberdade do trabalho, e a concorrência, seu effeito, são prejudiciaes á classe operaria?

Todas as sciencias, no seu desenvolvimento, reconhecem certos principios invariaveis, que lhes servem de fundamento, e sobre os quaes está firmado, por assim dizer, o seu mechanismo organico. Esses principios, que no estudo aprofundado das sciencias geram *as theorias e os systemas*, estão sujeitos a uma cadeia immediata de outras tantas proposições complexas, que vão unir-se a um *todo*, a que, na linguagem scientifica, se dá o nome de *methodo*. E' deste laço, é desta cadeia, por tanto, que devem partir os meios de observação, de exame e de analyse: é, pois, deste ponto, que domina todos os mais, que deve ser buscada a solução a qualquer problema scientifico.

Esta ideia, por si mesma evidente, e que abraça todas as sciencias, em sua generalidade, se a referirmos, se a applicarmos a cada uma dellas, em particular, tanto mais redobra de clareza e de vigor: — assim, descobrimos a applicação desta ideia mais estreitamente ligada a esta ou áquella sciencia, segundo ella tem por fim esta ou aquella verdade. Se a referirmos ás sciencias juridicas, ser-nos-ha impossivel desconhecer-lhe a necessidade e influencia; e ainda mais impossivel nos será, se a considerarmos com relação ás sciencias puramente politicas e sociaes. Queremos dizer que a necessidade de recorrer a semelhante ideia ainda mais visivel e urgente se torna, a proposito das sciencias de que ultimamente fallamos, e quando se tenham de resolver, no terreno dessas sciencias, as principaes questões occorrentes.

A sciencia economica está, pela sua propria natureza e objecto, na classe destas. Precizo é que remontemos á sua origem, que lhe examinemos os elementos, que indaguemos o seu systema organico, as consequencias emanadas desse systema; que, n'uma palavra, nos ponhamos ao alcance do methodo que lhe é especial e privativo, para que possamos solver com segurança as thezes, os problemas a que elle dér lugar.

Se o que acabamos de dizer é incontestavel, não o é menos que uma sciencia qualquer tem principios, da apreciação dos quaes se não póde prescindir, no estudo que a respeito della se fizer, sob este ou aquelle aspecto ; verdade esta que a razão naturalmente suggere, e que se acha sancionada por todos os pensadores, por isso mesmo que a experiencia a consagra.

Entre os principios estabelecidos na economia politica ou social (como a queiram chamar), alguns ha, cuja auctoridade, por assim dizer, originaria, deixa manifestar-se com a maior evidencia, ao primeiro e mais simples emprego da observação. Taes principios são de tão alta importancia, que nós os encontramos e vemos que sobresaem notavelmente, ainda no berço desta sciencia, nos seus primeiros ensaios, na sua primitiva cultura ; o que bem nos demonstram os diversos tratados publicados, desde longa dacta, sobre esta sciencia em muitos paizes do continente europeu.

Os primeiros economistas reconheceram como principios fundamentais e necessarios aquelles mesmos que são hoje determinados pelos novos cultores da economia politica ; e por isto observamos que, entregando-se elles ao estudo improbo e aturado de tão interessante ramo dos conhecimentos humanos, chegaram, pela força do exame e da analyse, a fixar os limites que lhe são marcados na ordem natural das verdades, sujeitas á investigação do espirito.

E' partindo desta consideração que elles estabelecem como principio de immediata necessidade economica o grande phenomeno da *produção* ; e como principios conducentes áquelle, e de não menor importancia, o *capital*, o *trabalho* e o *sólo*.

Estreando por este caminho, que sob a accepção verdadeiramente economica, é absolutamente inseparavel do principio da *liberdade*, ao qual está ligado por um laço de indissolvel dependencia, mostram-n'o de sobra, além de muitos outros auctores, o illustre Dunoyer, e o sabio Rossi, no seu *Curso de economia politica*. A liberdade, em relação ao trabalho, é uma condição de tanto pezo, e de tão elevado alcance que, a dar-se a abstracção, a pretensão della, a theoria da *produção*, — incontestavelmente a mais importante da economia politica —, tornar-se-ia illusoria, ou, se existisse, fôra demasiado material.

Se a liberdade é uma das coisas que mais contribuem para o facto, para a existencia real de todas as demais sciencias, é obvio que em nenhuma dellas se deve manifestar com mais razão, e ao mesmo tempo com mais brilho, do que na sciencia economica ; porquanto é esta a que está mais estreitamente enlaçada com os principaes

interesses da humanidade. Sendo assim, sendo fóra de duvida, que a *liberdade* é de impreterivel necessidade na apreciação de tudo quanto entende com o desenvolvimento do systema economico, importa reconhecer que em nenhum ponto desse systema se apresenta ella com tanta energia como na theoria do *trabalho*, que é o instrumento, por ventura, mais poderozo da *producção*.

O *trabalho*, que Scialoja bellamente define *o todo das operações, com o socorro das quaes o homem produz*, está de tal sorte unido á idéa cardéal de *liberdade*, que, se fosse possível prescindir, por um pouco, dessa idéa, no estudo dos demais phenomenos economicos, ella por si mesma se despertaria, quando se attendesse ao *trabalho*, em particular, com todo o especial cuidado. Este nosso pensar está corroborado pelo do celebre Ganilh, author do *Diccionario Analytiques de Economia Politica*, e pela opinião de Rossi, que, na lição 12^a de seu *Curso*, assim s'exprime: « O trabalho, *emanação da vontade*, é uma força que não póde ser confundida com outra qualquer. »

Se considerarmos a liberdade do trabalho como necessidade natural, facilmente veremos a sua importancia e utilidade. Sobre que facto vai recahir particularmente a theoria do trabalho? sem duvida, sobre o phenomeno da *producção*. Mas quem poderá desconhecer que o phenomono da *producção* é tambem um facto moral, no qual, por tanto, deve intervir e naturalmente intervêm a liberdade? Convém determinar, como bem o disse o mesmo Rossi, no lugar já citado, que o trabalho é uma força não sómente physica, mas tambem eminentemente moral. Importa reconhecer que abstrahir-se, no exame e no estudo do trabalho, das leis da natureza moral, é usar mal da analyse, e rebaixar o homem ao nivel do bruto. Ainda, em face desta razão philosophica, é rigorosamente necessario o principio da liberdade no trabalho.

Que essa mesma liberdade não prejudica de maneira alguma a classe dos trabalhadores — a classe operaria —, é clarissima consequencia dos principios estabelecidos. Se a classe operaria é, por sua propria natureza, aquella em que mais predomina a idéa do trabalho, da qual nos temos occupado, por isso mesmo que essa classe é a que presta mais peculiar desenvolvimento a esse tão forte meio de *producção*, é ella a que deve receber mais proveito, collier maiores vantagens daquillo que é indispensavel ao mesmo trabalho. A liberdade, pois, que é uma necessidade summamente proficua, em relação ao trabalho, o é, sem duvida, quanto á classe que a elle mais se dedica. Não ha incentivo mais forte, estímulo mais vigoroso para a classe dos trabalhadores, do que a liberdade: é esse um incentivo,

um estímulo que produz bens irrecusáveis; por quanto, augmentando as forças naturaes, fal-as obrar com mais energia, entrar com toda a segurança na cultura dos diversos ramos de industria, e proporciona ao capital e ao sólo um amplo espaço em que melhor se poderão desenvolver e obrar. Sem a liberdade, e sem o effectivo exercicio della, não se conseguirá nenhum destes resultados: é esta verdade comprovada pelo facto impolitico e abominavel da escravidão, que metamorphoseando o homem n'uma entidade totalmente material, e por consequente inerte, rouba-lhe todas as condições de aperfeiçoamento, e o reduz á posição de estatua, sem acção e sem vida. Pensar é este que não repugna ás idéas dos homens professos na sciencia; porquanto os já citados Scialoja, Rossi, Dunoyer e outros muitos as sancionam em suas explanações.

Parece-nos, entretanto, que esta nossa opinião sobre a materia sugcita conduz naturalmente a outra, não menos filial dos principios da sciencia, e que por isso mesmo adoptamos. A *concurrência*, como consequencia da liberdade do trabalho, está submettida ao seu principio fundamental, que é essa mesma liberdade: — por tanto, o que se disser de uma se deverá dizer da outra. Se, porém, a liberdade do trabalho não prejudica, nem directa nem indirectamente, a classe operaria, a concorrência tambem não póde causar-lhe o menor prejuizo: é esta uma deducção logica. Serve perfeitamente para o caso, para provar as vantagens da concorrência, em relação á classe dos trabalhadores, o mesmo que já dissemos para demonstrar a influencia proficua da liberdade, quanto a essa mesma classe. A concorrência aproveita realmente aos trabalhadores, por que dilata a força que dirige ao trabalho, faz apparecer em maior escala o resultado a que tendem as faculdades do espirito humano e as da natureza physica, suggere motivos sufficientes para o augmento das invenções e das descobertas necessarias e uteis, amplia o horizonte ás artes, e assim contribue poderosamente para o engrandecimento do progresso social.

Muito mais poderíamos dizer sobre a materia em questão: — basta, porém, o que havemos enunciado para demonstrar que a liberdade do trabalho, e a concorrência, effeito desta liberdade, bem longe de prejudicarem a classe operaria, lhe são naturalmente favoraveis. Cremos que á sciencia economico-politica de nenhum modo repugnam as proposições e idéas que havemos expellido.

A. R. DE TORRES BANDEIRA.

Theatro por dentro e por fóra.

I.

A DOIDA DO SITIO.

I.

A aldeia do Candal situada a um quarto de legua de Villa Nova de Gaia, na margem esquerda do Douro, defronte do Porto, é a mais fresca e viçosa aldeia de quantas conheço. Poderíamos até chamar-lhe a ALDEIA ARISTOCRATICA se repararmos bem no aceio com que se vestem e se tratam as pessoas daquelle sitio; desde o rico negociante que ali mandou edificar poetico e aprimorado palacete, até á mais humilde dobadeira de seda.

E como são bonitas as raparigas daquelle aldeia!

A pequenina chinella que o tão pequeno pé supporta, quasi por milagre; a fina meia de linha azul, fazendo o mais lindo contorno á perna mais gentil; a elegante saia de panno, com roda que farte, e nem tão comprida que lhes impeça o andar, nem tão curta que lhes offenda o pudôr!... o corpinho de seda, o lenço de cambraia... o chapeo de aba larga... e depois, a elegancia do corpo... a gentileza do porte... aquella voz tão suave... e os olhos... aquelles olhos tão negros como os cuidados que fazem!

Ai! como são bonitas as raparigas do Candal!

E eu passei naquelle aldeia os mais felizes dias da minha infancia! Era aquelle o passeio favorito de minha familia nos dias sanctificados. Como eu corria por aquelles campos, como trepava á aquellas arvores, como me embrenhava nos bosques; e depois, se rasgava a jaqueta ou rompia os sapatos, a encantadora e sempre saudoza reprehensão de minha mãe!...

E isto repetia-se outra vez, e outra, e sempre até que o tempo me roubou a minha querida mãe, e com ella a minha querida infancia!

E aquelles dous amigos! os meus dous companheiros de brinquedos que o destino atirou para tão longe, e quem sabe se para nunca mais nos abraçar-mos!!

Oh! um, de certo nunca mais! esse, ha quasi um anno, procurou no suicidio o termo á sua malfadada sorte!!

Pobre Augusto!!...

E quando nas minhas horas de descanso, a saudade me traduz no pensamento aquelles tempos de então, lembro-me sempre da sentida estrophe do nosso João de Lemos, escripta no album de A. P. da Cunha:

Como as memorias da infancia
 Outras memorias não ha!
 E mais se augmenta a distancia
 Desse tempo que foi já...
 Mais em nós cresce a saudade!
 Mais a imagem dessa idade
 Risonha á mente nos vem!
 Que tempo de igual ventura,
 Idade de mais candura,
 Não a torna a ter ninguem!

Oh! que sempre venha a saudade acalentar-me nas horas de desespero! Parece-me que é trazida nas azas das brizas daquelles campos, com a pureza daquelles céos, e sempre acompanhada das imagens de minha mãe, e dos meus amigos!

II.

A 10 de Outubro de 1843 subia eu a ingreme ladeira que leva de Villa Nova de Gaia, ao alto do Candal. Ia festejar os meus nove annos com a familia do Capitão Lourenço. Acompanhava-me um velho creado d'elle, que lhe havia sido assiduo companheiro, nas suas longas e repetidas viagens, e que accumulava agora, os tres encargos de feitor, hortelão, e confidente estimado e estimavel.

Era um homem rude, mas intelligente.

Sob o seu cazacão de baeta resguardava-se o corpo vigoroso de um homem valente; e dentro daquelle corpo batia o coração de um homem sensivel. O seu chapéo de oleado, cobria uma cabeça varonil, embora encanecida já, mais ainda pelos trabalhos que pela idade.

E as historias que elle contava, com linguagem severa e rude, mas tambem elegante e castigada, que sabia revelar as desgraças, os prazeres, e os ridiculos das pessoas e das cousas, como uma verdade tal, e tal graça e singeleza, que era a gente ouvil-o... ouvil-o... sem nunca se fartar!

Tinhamos chegado ao cimo da ladeira, e tão entretidos com as historias do velho José Rodrigues — que embora muito repetidas,

lhes agradavam tanto como aos que lh'as ouviam—que nem elle se lembrou de sentar-se, como costumava, no banco de pedra de ao pé da fonte, para descânsar de tão aspera subida.

Deste ponto da estrada partiam dous atalhos: um, á esquerda que conduzia á estrada real do Porto a Coimbra, outro á direita, que ia dar ao sempre famigerado Castello de Gaia: em frente seguia o caminho direito e chão que ia levar-nos ao Candal.

No fim da ladeira, á esquerda e antes do atalho, havia uma fonte singella e tosca, guarnecida lateralmente por dous não pequenos bancos de pedra.

Chamava-se a este lugar o SITIO DA DOIDA.

Era em um dos bancos que guarneciam a fonte, que José Rodrigues costumava sentar-se descansando e entretendo um bocado de palestra — para não perder o tempo nem o costume — com uma velha que ali pedia esmola, e que estava quasi sempre sentada do outro lado da fonte.

Velha lhe chamei, e tenho razões para isso. Diziam-me a sua velllice aquelles cabellos brancos como a neve, embora ainda abundantes e penteados com tal ou qual esmero. Diziam-m'a as fundas rugas que lhe sulcavam a face, e ainda mais m'a denunciava um certo pender de corpo para a terra. Se alguma cousa protestava contra estas provas tão convincentes, seria a vitalidade dos olhos; mas eu — nesse tempo — não reparava para os olhos das mulheres velhas ... ou moças que ellas fossem.

Quando José Rodrigues chegava ao SITIO DA DOIDA, e que a pressa era tanta que o obrigava a seguir caminho sem o *pouso* costumado, já elle de antemão havia escondido na mão esquerda a diminuta mas apreciavel esmola, e chegando-se perto da mendiga, dizia-lhe:

— Então, como vai isso, tia Rita?

— Como Deos é servido de ordenar, meu bemfeitor.

— Pois então.... adeos!... adeos que tenho muita pressa. Não se esqueça da minha santa nas suas orações.

E ainda a ultima phrase não estava concluida, e ha muito que a esmola tinha caido — como por descuido — no regaço da tia Rita.

E José Rodrigues mettia a mão direita no bolço das calças, para com mais consciencia cumprir o preceito do Evangelho....

Mas, desta vez, quando chegamos á fonte e eu esperava a scena costumada, apenas vi a tia Rita levantar-se, e muito preoccupada dizer:

— Bons dias, Sr. José Rodrigues.

Elle, mais atropalhado que a velha, apenas respondeu :

— Deos lhe dê os mesmos, boa Senhora.

E seguimos.

Eu estava pasmado !

III

Debalde procurei em todo aquelle dia encontrar o bom José Rodrigues de *maré*, para lhe pedir explicação da methamorphose do tratamento para com a tia Rita; se eu aventurava uma pergunta, elle respondia tão concisamente, que me tirava o direito da réplica.

Não perdi a esperança ; foi depois de jantar. Procurei o bom velho e encontrei-o sentado em um dos degraus que desciam ao pateo que dava sobre a horta. Deixei-me de reflexões ; cheguei-me perto d'elle e perguntei-lhe :

— Oh ! Sr. José Rodrigues, porque é que a tia Rita, *já não é* a tia Rita ?

— Quer tambem saber a historia della ?

— Estou morto por poder ouvir-lh'a !

— Então, vá dizer ao Senhor Capitão que mande pedir a seu pai licença para cá ficar hoje, e eu prometto contar-lhe tudo, á noite, depois da reza.

Dito e feito : obtida de meu bom pai a necessaria licença para mais uma noite de *gazeta*, e já tarde... já quando todos estavam recolhidos, desci do meu quarto, que era na alcova da salla verde, e entrei cauteloso no pobre mas aceiado aposento de José Rodrigues.

Já estava deitado. Fiquei triste por isso, receiando que por causa do somno, elle abreviasse ou simplificasse a historia, que eu tanto esperava me entretivesse por boas e esquecidas horas.

— Deitei-me porque estava indisposto, me disse elle, mas não para cumprir o que lhe prometti. Chegue-me aquelles cigarros.

Levantei-me, fui buscar á meza fronteira os cigarros, dei-lh'os e em quanto elle apertava um, e eu lhe tirava tres, parecia-me que o velho suspirava e soluçava, a fazer dó !

Duplicava em mim a impaciencia !

Elle, acendendo o cigarro na luz de uma lamparina que alumiaava a imagem de N. S. dos Navegantes, que estava pregada na parede, começou a contar-me a historia que eu relatarei ás minhas leitoras, sem mudança de uma virgula.

IV

Em 1818 trabalhava no Theatro de S. João, no Porto, uma companhia dramatica, composta de artistas de primeira ordem. Eram muito concorridos os espectaculos, e os provados talentos de *Josephina Soares*, *Catharina Talassi*, *Gertrudes Angelica da Cunha*, e de *José Soares*, *Sebastião Talassi*, *José Duarte*, *Antonio Rainha*, e *Ferreira Pomada*, eram festejados pelos portuenses com delirante enthusiasmo.

Entre os elegantes frequentadores daquelle theatro, fazia-se notar pela estremada figura e fina delicadeza o Sr. Alvaro Paes.

Teria vinte e dois annos ; era alto e proporcionalmente gordo : tinha phisionomia agradavel, cujo realce duplicava pelo bom effeito de sua farta e longa barba preta, que contrastava admiravelmente com a sympathica pallidez do rosto.

Ninguem neste mundo é perfeito ! Alvaro Paes era excessivamente vaidoso, e sacrificava á vaidade não só a sua fortuna — isso seria o menos — mas até os brios de homem, e de homem que pertencia á nobreza. Era pena !

Na companhia dramatica, cujos nomes já designei, e que a força dos tempos tem trazido até hoje para os admirarmos e respeitarmos, haviam outros artistas, que eram considerados de segunda e terceira ordem.

Entre aquelles a actriz D. Rita da Silveira occupava o primeiro lugar : era das segundas a primeira. Artista de incontestavel merecimento, prendia tambem a attenção dos expectadores pela rarissima belleza, e pelos elevados dotes de espirito. Tinha dezoito annos, e que felizes dezoito annos eram ! !

Amava um seu companheiro de trabalho; era apaixonadamente correspondida, e em breve deviam ligar seus destinos pelos laços do matrimonio.

Não eram bem felizes os dezoito annos de Rita da Silveira ?

Luiz do Couto, que assim se chamava o futuro esposo de Rita, não presenciava, sem incommodar-se, as pretenciosas attentões com que Alvaro Paes a tratava ; ella nem sequer as suspeitava ; e o *illustrado* fidalgo, que sabia dos amores de Rita e de Luiz do Couto, cogitava ha muito o meio mais facil de separal-os, ainda mesmo que a separação se effectuasse depois de Deos os haver unido.

Ao cabo de pensar em diversos meios para consignir seus damnados intentos, escolheu o mais repugnante de todos.

Era natural.

V

Cheguei ao mais difficil tropeço da minha tão veridica historia! E enquanto o bom José Rodrigues descança, bebe agua, e pucha duas fumaças do seu já quasi apagado cigarro, tentarei descrever o que é o palco de um theatro.

Difficil; tres vezes difficil tarefa !

Se eu desconfiasse que a pessoa que teve a beatifica pachorra de seguir esta leitura, pertence ao sexo forte, dir-lhe-hia apenas: « Meu amigo, procure visitar um theatro — seja qual for — e o que nelle vir, é o que poderá ver em qualquer outro. » Mas o caso é differente : eu preciso offerecer o braço á minha leitora, e mostrar-lhe ainda que a *vol de oiseau*, o que é aquelle cahos de invejas indignas, e de santas aspirações ; de mesquinhas ambições e de ridiculas intrigas : preciso apresentar-lhe emfim, aquella *inexplicavel mistura* do optimo e do pessimo !

Tentemos.

Imagine V. Ex. que está defronte da sua caixa de costura : ahí tem um modello da *caixa* de um theatro.

Aquellas cinco ou seis divisões, que estão ao fim da caixa, imagine a minha leitora, que são os camarins de alguns artistas. Aquelle maior espaço — no centro — onde V. Ex. guarda as thesoiras, os agulheiros, e os novellos de retroz e linha, é o lugar onde se representa. As duas mais amplas divisões que estão aos lados desse espaço, nas quaes V. Ex. guarda os botões e os colchetes, são dous estabelecimentos de *Belchior*, que no theatro se apellidam GUARDA-ROUPA e CONTRA-REGRA. Esta outra e ultima divisão, perto da fechadura, e onde V. Ex. colloca o seu dedal de ouro com fundo de amethista, he o buraco onde se encafua um homem a quem se chama o *Ponto*.

Para maior e mais clara explicação, minha senhora, se V. Ex. extrahir o primeiro plano da sua caixa de costura, e fôr ao fundo della, onde sem simetria nem ordem V. Ex. oculta as fitas e as rendas, ahí mesmo poderá ver o retrato fiel do porão de um theatro; onde junto a trastes velhos e a pannos ainda mais velhos, se escondem envergonhadas muitas reputações litterarias e tambem illiterarias, para servir-me da chistosa phrase de um dos meus melhores amigos !

Por a força descriptiva a que não posso fugir, minha senhora, sou forçado a asseverar que na immensa caixa de costura a que se chama — *caixa de theatro*, — não faltam, nunca faltaram, nem fal-

tarão jámais, *novellos* de todos os tamanhos de *linhas* de todas as grossuras ; *thezoiras* do mais afiado gume ; *agulhas*... ai ! as *agulhas* até superabundam !! fôra melhor não haver tantas !!! Emfim, excellentissima senhora, comparando aquellas *immensas caixas* , á preciosa caixa de costura de V. Ex., só tenho a notar-lhe duas differenças. Aquellas não têm nem tampa nem *rendas* !

Estou contente de mim ! esta descripção *engenhosa e feliz*, ha de levar-me á posteridade... e a V. Ex. tambem !

— Se o somno o incommoda, disse José Rodrigues, vá deitar-se, que amanhã lhe contarei o pouco mais que sei.

— Se não está fatigado, prefiro ouvi-lo já.

— Então escute :

(*Continúa.*)

Lembranças que parecem esquecimentos.

Política — sphinx que de vora todas as moralidades.

Paciencia — emplasto que todos applicam ás dôres alheias.

Problema — Pio IX, ancião veneravel, já proximo á dar contas á Deos, puxa por uma ponta da corda ; pela outra ponta puxa á bom puxar Victor Manoel, homemzarrão de dar e tomar. Neste exercicio *il re galantuamo* tem por ajudantes a Inglaterra e a França, aquella com a sobrançeria e desembaraço de quem sabe o que quer, e caminha direito á seu fim, esta á socapa, tacteando, e com ares de de quem não quer a coisa. Por onde arrebentará a corda ?

Representante da Nação — curador de ausentes.

O homem tem a vida nas pernas até os 15 annos ; no coração até os 30 ; na cabeça até os 50 ; e dali por diante na barriga. Advirta-se porém que a barriga por dominar exclusivamente a idade pro-
vecta não deixa de abrir ás outras idades os thesouros de sua velha experiencia : quando não governa, é conselheira.

Palavra de honra — locução familiar ao mentiroso, quando embarca a sua bisca.

CORRESPONDENCIA.

Meu caro irmão.

Porto, 10 de Dezembro de 1862. — Não me escasseava hoje materia para encher todas as paginas do *Futuro*, se eu quizesse relatar todos os acontecimentos que se tem dado depois da minha ultima carta. E por que o não farei? Porque isso é officio dos jornaes do dia, e penso que nem um só dos leitores do *Futuro* deixará de ter lido pelo menos o *Commercio do Porto* ou o *Diario Mercantil*; e então para que repetir-lhes aqui o que já sabem? Imagina tu que eu tratava agora da visita a esta Cidade do Principe Umberto, do herdeiro da corôa da Italia; que te fazia uma minuciosa descripção do enthusiasmo com que os Portuenses receberam em seu seio o neto de Carlos Alberto; imagina isto, e pensa tambem no estado a que ficaria reduzido o leitor que tivesse a coragem de ler-me até o fim com abrimentos de boca, abatimento de palpebras, pulso agitado e todos os mais incommodos provenientes de uma leitura monotona e repetida. Cahiria n'uma especie de lethargo, cujo acordar seria terrivel para mim, se pudesse chegar aqui essa infinidade de imprecações que parecem resoar-me já aos ouvidos, terminando por dar ao diabo o nome e a figura do correspondente. O nome ainda vá, que por muitas vezes o tenho visto ligado ao anjo máo, mas a figura? credo! Essa hei-de fazer todo o possivel para a conservar intacta e independente.

Mas que estrada seguirei eu, que me não conduza ao mesmo fim? Em todo o caso, tendo eu na minha ultima fallado do concurso aberto pela Camara Municipal e do convite feito pela mesma a todos os artistas nacionaes e estrangeirôs que quizessem encarregar-se da execução do grande monumento ao ainda maior D. Pedro IV, é justo que continue hoje o mesmo assumpto, narrando o que se tem passado.

Antes de expirado o prazo appareceram com as suas obras os artistas Calmels, Fonseca, Anatucci, e Teixeira debaixo do pseudonimo de Almeida Costa. Os tres ultimos residentes no Porto e o primeiro em Lisboa, mas subdito de Napoleão III, penso eu. Depois de fechado o prazo appareceram ainda mais alguns modelos, que a Camara teve a condescendencia de aceitar, mas que depois excluiu do concurso por os julgar inferiores á analyse. Eu, seguindo o mesmo caminho, abster-me-hei da autopsia para que o máo cheiro da corrupção me não perturbe a cabeça.

A comissão, composta de quatro membros, para dar o seu parecer, optou pelo de Calmels, e fez bem. E effectivamente é este o preferivel, supposto não seja isento de defeitos. E que obra humana tocou já a perfectibilidade? Não conheço alguma.

O pedestal do monumento approvedo é oblongo, e as duas faces lateraes são ornadas de baixos relevos representando um o desembarque do exercito libertador nas praias do Mindello, e o outro a entrega da urna que encerra o precioso coração do rei soldado, legado de que tanto se ensoherbece esta Cidade. Sobre o pedestal pousa elegantemente um cavallo de fina raça, onde monta D. Pedro IV, tendo o chápéo na caheça, e na mão direita o maior monumento da sua gloria — a carta constitucional —; a esquerda, como

é natural, segura a redea do cavallo. Os outros seguiram, em quanto á figura, a mesma acção, porque era esta a letra do programma, exceptuando o Sr. Amateucci, que preferio altera-lo a commetter a incivildade de apresentar o seu heroe de chapéo na cabeça!

O pedestal do Sr. Fonseca é quadrilongo, e nas duas faces tem, como o primeiro, os baixos relevos do desembarque e entrega da urna. O genero em que o Sr. Fonseca esboçou os seus baixos relevos é, na minha opinião, preferivel áquelle adoptado pelo Sr. Calmels, que seguiu o estylo antigo, classico, mas que não deixa por isso de ser de máo gosto; as figuras são quasi em completo relevo, tocando as extremidades nas partes inferior e superior do quadro em que parecem encaixilhadas. O pedestal do monumento do Sr. Teixeira é quadrado, tendo nas duas faces os mesmos assumptos já tratados: os quatro angulos do pedestal são quebrados por quatro pilastras em estrias, cujo capitel termina com a cornija do pedestal. seguindo, já se vê, a mesma ordem. O seu effeito é elegante, mas julgou-se com razão máo para se pôr em execução, porque sendo o pedestal demasiado alto e a cornija muito saliente, succederia que, collocado n'uma praça onde o espectador não pôde dispôr de grande espaço para ver o monumento, as pernas do cavallo forçosamente se nos haviam de apresentar cortadas pela cornija. Não admira que o Sr. Teixeira, joven de extraordinario talento para a arte a que Canova e Benvenuto Cellini deram a immortalidade, pela sua pouca ou nenhuma pratica de ver e estudar obras de semelhante natureza, não soubesse prevenir o que só antevê um artista experimentado; a prova é o monumento do Sr. Calmels — este artista soube bem obviar a este inconveniente, fazendo o seu pedestal mais baixo, a cornija menos saliente, resultando que a figura avulta immensamente mais, e pôde gozar-se toda em menor distancia. Estas e outras considerações, aliás justas, fizeram com que alguns membros mais intelligentes da commissão, e que não viam em perigo a nossa nacionalidade pela resolução tomada, encarregassem o Sr. Calmels da feitura da obra.

As deliciosas harmonias de Donizetti, os arrosos da impetuosa imaginação de Verdi, echoam já no nosso theatro de S. João, que para receber a *troupe* patricia, como era de dever, despojou-se dos andrajos que o cobriam; vestiu camisa lavada, e apresentou-se esbelto e gracioso como nos formosos tempos da sua juventude; mas o chapéo, aquelle maldito chapéo que o cobre e que tu bem conheces — é sempre o mesmo. — E' lastima que esta epocha, toda monumental, passe sem um padrão que ateste aos vindouros a intelligência dos dignos directores que mandaram substituir o bello tecto pintado pelo nosso Saqueira, por essa amalgama de tintas, por esse enigma que ainda até hoje ninguém pôde decifrar.

Fal-o-ia eu, se me não escasseassem os meios, tal qual se me está representando na imaginação, esboço que vou tentar fazer com a penna para que, merecendo a approvação dos leitores do *Futuro*, possa ainda um dia realisar-se esta *divida nacional*; — mas que tem os leitores do *Futuro* com essas cousas? — E' que tomando eu a iniciativa nesta empreza convém que os ache dispostos para me coadjuvarem; sem o que seria impossivel a realisação della (isto é o que me tem ensinado a pratica). O pedestal deve ser de granito e figura *rhomboide*; os tres directores que então geriam os negocios do theatro, em pé, com os braços enlaçados, cahindo-lhes dos hombros uma capa ou manto, em grandiosas pregas, que cobrindo-lhes todas as extremidades, deixe apenas nuas as cabeças — figuras de meio natural com olhos vendados. Em frente, e de costas voltadas para estes está a figura collossal do pintor Mr. Pisi, de sobrecasaca, tendo na mão esquerda uma bolça com dinheiro, e na direita uma cassarola de tintas e duas broxas. Aos pés dos quatro está uma figura d'ancião venerando que derrama abundantes lagrimas sobre um cofre vazio; nas mãos deste, veem-se grande quantidade de acções do real theatro. Se me não illude o amor paternal, seria um bello monumento este! Mais devagar pensarei sobre o assumpto.

A Emilia das Neves, a mais excellente e a mais egoista, das nossas actrizes está outra vez no Porto.

O theatro de D. Maria perdeu a mais viçosa flor da sua bella corôa d'artistas; não se lhe attribua porém a incuria ou desleixo tão valiosa perda. Foi talvez pelo demaziado esmero com que foi cuidada, que embebeu em si o germen da sensitiva irritavel ao menor toque, excepto ao das libras esterlinas. Achava que tres contos trezentos e tantos mil réis que o governo dispendia com ella annualmente, era pouco para o seu merecimento, foi ainda exigente, tornou-se importuna com milhares de condições mal cabidas e inaceitaveis; o digno director do theatro de D. Maria entendeu que podia passar sem ella, e fez bem — quando o genio se nos apresenta altivo e immodesto, affrouxa a veneração que se lhe deve, e olha-se com indifferença.

O grande actor Roza tambem tem representado aqui com grande applauso; mas infelizmente a falta de concorrência obriga-o a ir, unido á nossa mal organizada Companhia, dar algumas recitas no theatro de S. Geraldo em Braga. A Saatoni, que fez parte da Companhia Ristori, quando a grande tragica nos mimoseou com o seu talento, chegou ao Porto e vai dar dez recitas no theatro de S. João. Se formos a julgar do merito da sua Companhia, pelos preços que ella estabeleceu já, deve ser surpreendente!

O Sr. Arnaldo Nogueira Molarinho, artista unico no seu genero, entre nós, commemorou o anniversario da nossa independencia no 1º de Dezembro, com uma medalha da sua lavra, que fez cunhar em prata e estanho, vendo-se de um lado o retrato de D. João IV, e do outro a seguinte legenda: — Aos restauradores de Portugal em 1640. — Esta obra por ser a primeira que entre nós se faz para commemorar um facto glorioso da nossa historia, foi recebida com agrado por todos os bons portuguezes. Oxalá que elle, vendendo grande copia dellas, encontre assim uma recompensa ao seu muito trabalho e uma compensação aos louvaveis esforços a que se não poupa para bem merecer da patria. Bravo! Ora graças á Providencia! Depois de ter andado como Jerome Paturot em busca d'uma posição social—ha trinta annos! e em procura d'uma vocação—descubro-a finalmente por um felicissimo acaso; por uma destas circunstancias que tornam ás vezes uma existencia ignorada conhecida por todo o orbe terraqueo. Ora, torna a repetir em voz bem alta esta noticia a respeito do Molarinho, e vê se não é este o estylo do verdadeiro localista! dize-me se os encarregados dos noticiarios do *Braz Tizana* e *Direito* se não ufanariam d'uma tal producção! não ha duvida que é este o estylo—é esta a minha vocação! de que serviu então a minha introdução a esta carta? Para que disse *eu* que não queria occupar-me de materia só propria dos Jornaes do dia?

Se souberes que algum dos meus leitores faz esta interrogação com o pronome já se vê na terceira pessoa, tu que conheces o meu character, e sabes quanto préso a minha palavra, desculpa-me, dizendo que só á força de vocação podia ceder o teu mano e amigo

MIGUEL NOVAES



E' PAÍO.

Quem crê da bella, a quem ama,
Quando raivosa ciuma,
No faniquito ou desmaio,
E afflicto por ella chama...
Não ha duvida nenhuma,
E' paio.

Velho com mais de cincoenta,
Que a moça de quinze annos,
Viva e quente como um raio,
Espósa, e a cabeça isenta
Julga de pezados damnos,
E' paio.

Sujeito que faz á meza
Discursos de legua e meia
Em estylo inchado e cambaio,
E de verbosa riqueza.
Se inculca, e se pavoneia,
E' paio.

O que, tratando com gente
Da patria lingua, em francez
Falla como papagaio,
E acha isso mais decente
Que fallar em portuguez,
E' paio

Moço eivado do juizo,
Que revê-se em seu semblante.
Como quizerdes, chamai-o;
Para mim não é *Narcizo*,
Tem um nome mais frizante,
E' paio.

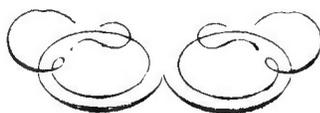
O que tem de ir a salões,
E o que ha de lá dizer
Parafuza, e faz ensaio
De gestos e posições,
Esse (não tem mais que ver)
E' paio.

Quem hoje ainda porfia
Em colher no Pindo flores,
E leva de Maio a Maio
Sempre co'a bolsa vasia,
E' o qu'eu sou, meus senhores,
E' paio.

Mais que as letras vale a trêta ;
Só esta dá lauta meza,
Carro, cavallo, e lacaio ;
Quem faz vida de poeta,
Acabando na pobreza,
E' paio.

Bahia, 15 de Novembro de 1862.

FRANCISCO MUNIZ BARRETO.



CHRONICA.

Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1865.

A questão das reclamações inglezas occupou exclusivamente a attenção do publico durante esta quinzena. A população da Córte nos primeiros dias do anno offereceu o mais nobre e consolador espectáculo; a anxiedade ao principio, e depois, uma vez conhecida toda a correspondencia diplomatiea, a indignação moderada, prudente, sensata; o desafio tacito do direito á força, da legalidade ao abuso, sem desvarios, sem ataques individuaes. Os dias 5 e 6 principalmente foram os de maior agitação; o imperador com toda a familia imperial desceu ao paço da cidade; a confraternisação do povo com o chefe do estado, foi a mais cordial, a mais expansiva, a mais verdadeira. A's acclamações populares respondia o imperador com protestos vivos de que era brasileiro, e que a sua eorôa respondia pela dignidade da nação.

Em tal situação, e correspondendo a tão patrioticas manifestações, o governo imperial teve coragem precisa para responder ás exigencias britannicas com firmeza e energia, pondo aeima de todas as mèsquinhas considerações, a idéa nobre e augusta do decóro nacional. A correspondencia diplomatica é uma pagina viva de patriotismo. A razão é nossa, o direito é nosso; se os resultados de um ataque não forem igualmente nossos, que importa isso? A consciencia da nossa causa deve dar-nos bastante tranquillidade diante da victoria da força, que será a victoria da immoralidade. Tal é o transumpto das notas do gabinete.

O representante da Inglaterra cedeu de todas as suas anteriores pretensões; e as condições da nota de 20 de Dezembro prevaleceram, mais extensas talvez, e portanto com mais honra para a nação. Levada a questão ao gabinete de Londres, resta saber se o grupo de homens que dirige os destinos da Gran-Bretanha imitará o precedimento do seu representante nesta Córte. Ha uma dignidade convencional que consiste em desconhecer o dever e a justiça para dar satisfação ao orgulho do poder. Esta dignidade hade se achar ferida com a altivez do nosso governo; a submissão teria dado á Gran-Bretanha mais uma razão de apertar os vinculos de amizade com o Imperio!

Prevendo todas as consequencias futuras, o paiz achar-se-ha disposto a depôr o que houver de resistencia no altar da patria. Nesta córte as manifestações desta natureza não se tem feito esperar; recursos de que o governo carece, sem que este tenha reclamado uma subscrição nacional, já vão apparecendo; a camara municipal já recebeu o nome de muitos voluntarios. Uma sociedade que tomou o nome de *União e Perseverança* formou-se na camara municipal, domingo ultimo. Mais de duas mil pessoas concorreram aos convites feitos nos jornaes. Foi acclamado presidente o Sr. Dr. Saldanha Marinho, e bem assim um directorio composto daquelle illustre jornalista e dos Srs. Theophil, Ottoni e conselheiro Antonio José de Bem. Outra sociedade foi tambem organizada nesse dia no Pavilhão Fluminense. O mesmo entusiasmo patriotico reina por toda a parte sem distincção de classes.

Se me é dado conjecturar as emergencias ulteriores em relação ao *Futuro*, deixe o leitor que eu revele a incerteza em que estou, os temores que me assaltam, porque não supponho que os inglezes, em caso de ataque, tenham sympathia por cousa nenhuma. Já não é desta opinião o redactor principal, que tem entre mãos um romance do Sr.

Camillo Castello-Branco, materia de um grosso volume, e que o redactor pretende dar todo no *Futuro*, capitulo por capitulo, sem receio de balla ingleza. Uma cousa que elle não pôde comprehender é que a publicação de um romance do Sr. Camillo Castello Branco dependa da vontade de lord Palmerston. Acho-lhe até certo ponto alguma razão. O romance, escripto expressamente para o *Futuro*, e propriedade desta revista, têm por titulo um proverbio *Agulha em palheiro*. O palheiro é este seculo e a sociedade onde o poeta escreveu; e que o poeta procura é um homem, que chega a encontrar, mais feliz nisto que o vaidoso atheniense. De mulheres é que não ha palheiro no seculo; o proprio poeta o declara referindo-se á sua heroina; Paulinas de certo ha muitas. As senhoras, em geral são, como ella, todas, todas, quando encontram homens como aquelle. Não sei se esta regra tão absoluta pôde ser admittida, mas, feitas algumas excepções de que resam até os noticiarios, acho que é uma verdadeira regra geral.

Passo a fallar da peça do Sr. S. B. Nabuco de Araujo, ultimamente representada no Atheneu, com fervoroso applauso. Esse applauso, creio eu, tem duas significações: uma pelo talento do poeta, outra pela nacionalidade da obra. Em uma terra onde a litteratura dramatica balbucia apenas, os applausos publicos não podem deixar de ter esta dupla significação; e nesse sentido é que a critica deve apreciar.

Sempre que um novo sacerdote se apresenta á porta desta igreja, tão despovoada ainda, deve ser recebido com palmas e canticos. Transmittir á geração futura os preliminares de uma obra que seja completada com proveito, é a occupação de alguns espiritos amantes das letras e do progresso do paiz. Sem a solidez intellectual e a capacidade que a esses distingue, mas com o mesmo amor e a mesma perseverança, trabalharei eu, conforme me permittirem as forças de que disponho.

O autor da *Tunica de Nessus* merece todas as sympathias, e tem direito a ser recebido no seio da litteratura dramatica. E' assim que o applaudo e saúdo. Entenda-se, porém, uma cousa; nas minhas observações litterarias nunca levo pretensão a critico. Tal não me supponho, mercê de Deus. A critica é uma missão que exige credenciaes valiosas, de cuja mingua me não corro de vergonha em confessar, como não tenho vaidade em referir as pouquissimas cousas que sei.

O que eu confesso é que sou moço, e que, como tal, vou ao encontro dos moços com enthuusiasmo de eamarada. Entre os que são da mesma idade é natural e facil a communicação das impressões recebidas, e do mutuo conselho sempre resulta emenda e progresso.

Entre mim e o autor da *Tunica de Nessus* não podem haver senão mutuos e cordiaes conselhos. Toea-me a vez, e declaro que o faço com tanto prazer, quanta sinceridade, e que a independencia, de que não posso prescindir no meu juizo, em nada prejudica o desejo que nutro de lhe applaudir muitas victorias dramaticas,

Começarei pelas bellezas ou pelos defeitos da *Tunica de Nessus*? O proprio poeta impõe-me a escolha destes, visto que, pelo que me consta, é seu principal desejo que lhe apontem as falhas da obra.

Direi, portanto, que me pareceu descobrir o principal defeito da *Tunica de Nessus*, na acção, que não é sufficiente para as proporções da peça, nem caminha sempre pela razão logica das cousas. No intuito de simplificar-a, fê-la o poeta exigua, diluida nos seus quatro actos; eu a quizera, — e, dizendo eu supponho fallar em nome de uma theoria —, eu a quizera mais complexa, mais dramatica. Preoccupado com a pintura do principal character, o poeta esqueceu oppôr o bem ao mal, estabelecer uma luta, que, satisfazendo as condições da scena, dêsse explicação a muitas passagens obscuras. Adelia gasta, perde-se, infama-se, sem combate; não é combate a queixa desanimada de Maximo e a exposição de algumas theorias muito sãs de Oliveira. Esta ausencia de luta entre os sentimentos tira á peça, apesar de varios lances de muito effeito, a necessaria vitalidade dramatica.

Mas o typo de Adelia, tão exclusivamente tratado, satisfaz as intenções do poeta? Cuido que não. Parece-me indeciso, contradictorio ás vezes, ás vezes *tocado* de mais. A sua exigencia de que o marido se dispa dos habitos modestos e renegue a arte, é tão cruel, tão arrebatadamente feita, que nos leva insensivelmente a indagar que relações existam entre a verosimilhança e esse ruim capricho.

No segundo acto, prevendo a miseria, foge com um visconde, a quem pouco antes deixa ver que não ignora todo o horror de uma situação equívoca. Perdida, os seus sentimentos parecem ora bons, ora máos, ora filhos de um espirito indifferente e frio. A filha, que levára de casa de seu marido, está a expirar em um quarto; Adelia parece amal-a, tanto que não tivera forças de a deixar fugindo da casa de seu marido; mas entre o leito da moribunda e a mesa de um festim, Adelia prefere esta, sendo de notar que nenhuma consideração impede a contiguidade do lugar da ceia e do lugar da morte. Este contraste, trazido para effeito scenico, derrama mais obscuridade e confusão no caracter de Adelia.

Nesse acto, porém, refere-se que durante dezeseis annos Adelia não assistira Ignez de suas caricias de mãe; em tal caso, trazer consigo a filha da casa de seu marido foi um capricho sem explicação. Mas, posta assim a situação, é preciso attribuir ás palavras de Oliveira, na penultima scena, o apparecimento da ternura maternal no coração de Adelia. Póde-se, sem violencia, accitar esta solução? Pois o que não fizeram longos dias de martyrio da enferma, fazem algumas palavras mais ou menos vehementes do medico? E aquella alma que recúa por vaidade, ao ir, por extrema prova, despedir os banque-teadores, estava acaso preparada para receber a divina fuisca do amor maternal?

Maximo é tambem um caracter pouco seguro. É um homem fraco, passivo, sem vontade, sem decisão; tudo isto é natural; mas essa passividade que elle arrasta no interior conjugal durante annos não exclue, e até tem sua razão de ser na extrema delicadeza de sua alma, na bondade de seu coração, no profundo amor que vota a sua mulher. Taes qualidades não se pervertem pelo soffrimento, apuram-se; e quando uma cella monacal é o theatro das dôres intimas, o espirito ganha forças, não de combate, mas de clemencia e perdão.

Esse espirito misericordioso é que eu quizera ver nas palavras de Maximo no ultimo acto. Maximo, a uma phrase de sua filha, que maldiz o pae desconhecido, conta-lhe a historia de suas desventuras conjugaes, no ponto de vista interessado de marido; esta represalia é propria de Maximo do primeiro acto, e sobretudo de Maximo religioso? Estabelecer no espirito da moribunda um duelo de sentimentos; oppôr, nessa hora suprema, ás dolorosas invenções da mãe, revelações não meuos dolorosas do pai; lançar a duvida naquella alma que se ia embora ignorante das tormentas da vida, eis o que falsêa o caracter de Maximo e desmente a sua missão evaugelica. Dezeseis annos, a solidão do claustro, as letras divinas, a convivencia de Deus, não teriam apaziguado naquella alma as paixões da terra e posto termo aos odios do passado?

Resta Oliveira; é um homem nobre e dedicado; a sua estima por Maximo e a sua aversão por Adelia são extremas; esse extremo explica a sua aspera e indiscreta pergunta no final da peça, quando a situação pedia nna complacente concessão.

Do visconde e de Fernando nada direi; passam na peça como metéoros; mas a passagem do segundo está justificada? Que faz á peça a presença desse Armando passageiro? Sem o amor de Fernando a peça existia, e quanto ao caracter de Adelia, que o poeta quiz melhor definir com essa circumstancia, torna-se mais confuso ainda.

Para rematar estes senões que me parecem existir na *Tunica de Nessus*, direi que o estylo pecca por demasiadamente lyrico; as figuras, os tropos, as parabolos, surgem sobre posse em cada dialogo, até nas fallas de Ignez, menina moribunda, em cuja boca destôa semelhante linguagem. Será isto um *partido tomado*, ou resulta da propria ten-

dencia do poeta? Seja como seja, o poeta dá-nos algumas figuras bonitas, veste idéas novas em roupas originaes, o que não impede por vezes figuras como estas condemnadas por sua vulgaridade; — *Para que fazer-me subir nas azas brancas da esperança até ao ceo das illusões e depois cahir no abysmo da realidade?*

Indaguemos agora das qualidades do poeta. A primeira é, sem duvida, a dos effeitos; feitas as reservas que apontei já, a ultima scena do primeiro acto impressiona muito; é escripta com fogo e cheia de movimento; no segundo acto, a scena em que Oliveira vem encontrar Adelia em colloquio amoroso com o visconde é habilmente trazida; a transição, uma das feições typicas de Adelia, inspira interesse e é conduzida com engenho.

As scenas da enferma com Oliveira e com Adelia são tocadas com sentimento; ha nellas o tom plangente da elegia, e a mais de um tenho ouvido o que eu proprio sinto; são immensamente commoventes. O quarto acto, que é para mim o melhor, no ponto de vista do movimento dramatico, inspira nas suas poucas scenas muito interesse; a apparição de Maximo sob a veste monacal, o desespero de Adelia aos pés da filha, a figura calma de Oliveira dominando aquelles diversos sentimentos, tudo isso traz suspenso o espirito do espectador; o lance do encontro de Maximo e Adelia é habil e interessante; no desenlace, Adelia enlouquece, é o complemento da sua desgraça, o termo de sua vida mal baratada.

Do que levo dito, deve concluir-se uma cousa: que ao autor da *Tunica de Nessus* falta certo conhecimento da sciencia dramatica, mas que lhe sobejam elementos que, postos em acção e dirigidos convenientemente, dar-lhe-hão eminente posição entre os nossos poetas dramaticos.

A intuição dos effeitos, a imaginação viva, a paixão abundante, taes são os seus meios actuaes; a observação e a perseverança se encarregarão de applical-os discretamente, desenvolvel-os, completal-os, e abrir ao poeta no futuro uma carreira que eu prophetiso segura e gloriosa.

Expuz com franqueza e lealdade, sem exclusão do natural acanhamento, as minhas impressões; os erros que tiver commettido provarão contra a minha sagacidade litteraria, nunca contra o meu character e a minha convicção.

Esta gloria, que não reputo exclusiva, havia de tel a o autor da *Tunica de Nessus*, se, em iguaes circumstancias, tivesse de julgar uma obra minha.

MACHADO DE ASSIS.

